

***Eu virei homem!:* a construção das masculinidades para adolescentes participantes de um projeto de promoção de saúde sexual e reprodutiva**

I became a man!: the construction of masculinities for adolescent participants of a project for the promotion of sexual and reproductive health

Anna Carolina de Sena e Vasconcelos

Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Terapia Ocupacional. Recife, PE, Brasil.
E-mail: annasena90@gmail.com

Rosana Juliet Silva Monteiro

Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Terapia Ocupacional. Recife, PE, Brasil.
E-mail: juliet.monteiro@hotmail.com

Vera Lúcia Dutra Facundes

Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Terapia Ocupacional. Recife, PE, Brasil.
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Vulnerabilidade e Saúde na Infância e Adolescência. Recife, PE, Brasil.
E-mail: verafacundes@yahoo.com.br

Maria de Fátima Cordeiro Trajano

Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, Brasil.
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Vulnerabilidade e Saúde na Infância e Adolescência. Recife, PE, Brasil.
E-mail: enffatimact@gmail.com

Daniela Tavares Gontijo

Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Terapia Ocupacional. Recife, PE, Brasil.
Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente. Recife, PE, Brasil.
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Vulnerabilidade e Saúde na Infância e Adolescência. Recife, PE, Brasil.
E-mail: danielatgontijo@gmail.com.

Correspondência

Avenida Prof. Moraes Rego, 1235, Cidade Universitária. Recife, PE, Brasil. CEP 50670-901.

Resumo

Este estudo teve por objetivo discutir a construção sobre as masculinidades no discurso de adolescentes participantes de um projeto de promoção de saúde sexual e reprodutiva, realizado em uma escola pública em Recife (PE) com 24 adolescentes homens matriculados no 8º e 9º ano do ensino fundamental. Em uma abordagem qualitativa, os dados coletados por meio da gravação de áudio em equipamento digital e pela técnica da observação participante, com a utilização de registro em diário de campo, foram submetidos à análise de conteúdo temática. A análise dos dados resultou em três categorias temáticas. Na categoria “Percepções sobre o corpo masculino”, observou-se que os adolescentes necessitavam de aspectos concretos e visíveis para assimilar a transformação do corpo, havendo dificuldade e resistência inicial para discutir sobre o próprio corpo. Na categoria “Gênero e masculinidades”, observou-se a limitação dos adolescentes na compreensão das relações de gênero e na concepção sobre a sexualidade, fundamentando-se nas experiências divergentes para homens e mulheres, permeadas pelas construções culturais. Na categoria “Paternidade e masculinidades”, os adolescentes apontaram que as concepções de paternidade têm se transformado, envolvendo diferentes modelos de paternidade. A partir do exposto, infere-se que as diferentes construções acerca das masculinidades estão relacionadas às experiência de vida dos ado-

lescentes e que podem ter implicações significativas no modo de vivenciar a saúde sexual e reprodutiva, tornando relevante a desmistificação dessas construções, bem como a participação dos profissionais de saúde para contextualizar ações de promoção e educação em saúde.

Palavras-chave: Adolescente; Identidade de Gênero; Pesquisa Qualitativa; Saúde Coletiva; Saúde Sexual e Reprodutiva.

Abstract

This study aimed to discuss the construction of “masculinities” in the discourse of adolescents participating in a sexual and reproductive health promotion project, carried out in a public school in Recife (PE) with 24 male adolescents enrolled in the 8th and 9th years of the Middle School. Through a qualitative approach, data collected through audio recording on digital equipment and with the participant observation technique, with the use of a field journal, underwent thematic content analysis. Data analysis resulted in three thematic categories. In the category “Perceptions of the male body”, we observed that adolescents needed concrete and visible aspects to assimilate the transformation of the body, with difficulty and initial resistance to discuss their own body. In the category “Gender and masculinities”, the adolescents had a limitation in the understanding of gender relations and the conception of sexuality, basing themselves in different experiences for men and women, permeated by cultural constructions. In the category “Parenthood and masculinities”, adolescents indicated that paternity conceptions have been transformed and involve different models of fatherhood. From this, it is inferred that the different constructions concerning masculinities are related to the life experiences of adolescents and can have significant implications in the way of experiencing sexual and reproductive health. It has become relevant the demystification of these constructions, as well as the participation of health professionals to contextualize the actions of health promotion and education.

Keywords: Adolescents; Gender Identity; Qualitative Research; Public Health; Sexual and Reproductive Health.

Introdução

A adolescência, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é o período que compreende a faixa etária entre 10 e 19 anos de idade (Bechara et al., 2013). Nessa fase, caracterizada por intensas transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais, o adolescente constrói a sua identidade, descobrindo e vivenciando o que é ser e sentir-se adolescente, além de deparar-se com diversas novas experiências em relação à sexualidade. Esse processo, contextualizado social e culturalmente, é influenciado pelo estabelecimento de relações sociais, com base nas relações de gênero que são construídas desde a infância (Foucault, 2009; Brêtas et al., 2011; Heilborn, 2012; Emerich ET al., 2012; Altmann; Mariano; Uchoga, 2012).

De acordo com Gomes (2008), o gênero pode ser compreendido como:

[...] uma construção cultural sobre a organização social da relação entre os sexos, traduzida por dispositivos e ações materiais e simbólicos, físicos e mentais [...] refere-se a papéis socialmente construídos e a definições e expectativas – consideradas apropriadas por uma sociedade – o ser homem e o ser mulher (p. 65).

A discussão das questões relacionadas a gênero suscita a consideração de que as desigualdades observadas entre homens e mulheres não se restringem às características biológicas e naturais, mas resultam de longos processos históricos e culturais que permeiam essas relações. Assim, entende-se que a construção da história dos homens não pode ser analisada de forma distinta da história das mulheres, tal como os discursos sobre masculinidades e feminilidade (Gontijo; Medeiros, 2009).

Homens e mulheres, desde o nascimento, são chamados e preparados para responder às expectativas sociais referentes aos papéis que devem desempenhar, sendo estes demarcados por relações desiguais de gênero e hierarquias sexuais fundamentadas em questões biológicas. Esses pressupostos manifestam-se na prática dos adolescentes quando reproduzem os padrões

da sociedade da qual fazem parte (Oliveira, 2011; Wiese; Saldanha, 2011).

Especificamente em relação aos homens, segundo Gomes (2008), a masculinidade pode ser entendida:

[...] como um espaço simbólico que serve para estruturar a identidade de ser homem, modelando atitudes, comportamentos e emoções a serem adotados. [...] a masculinidade - situada no âmbito de gênero - representa um conjunto de atributos, valores, funções e condutas que se espera que um homem tenha numa determinada cultura (p. 70).

É importante considerar que a masculinidade não pode ser compreendida a partir de uma única perspectiva, pois as concepções referentes a ela relacionam-se a diferentes dimensões sociais, econômicas, geracionais e culturais contextualizadas historicamente, o que justifica a utilização do termo “masculinidades” para abranger essa pluralidade (Gomes, 2008, 2010; Connel; Messerschmidt, 2013; Separavich; Canesqui, 2013).

No entanto, existem modelos de masculinidade que adquirem maior legitimidade social, caracterizando-se como hegemônicos e orientadores de valores, comportamentos e atitudes (Connel; Messerschmidt, 2013). Sendo assim, em nossa cultura, de uma forma geral, valorizam-se as construções sobre o ser homem sustentadas pelo antagonismo ao ser mulher, e em discursos que delimitam o universo masculino a características como virilidade, heterossexualidade, força, fonte de sustento material e moral da família e vivência da sexualidade sem limites (Connel; Messerschmidt, 2013; Separavich; Canesqui, 2013).

A sexualidade é um aspecto relevante do desenvolvimento humano, caracterizada como uma construção histórica, cultural e social e alterada pelas relações sociais. Apesar de abranger práticas e desejos relacionados à satisfação, à afetividade, ao prazer, aos sentimentos, ao exercício da liberdade e à saúde, no contexto social a sua vivência é cerceada por tabus, mitos, preconceitos, interdições e relações de poder (Foucault, 2009; Bechara et al., 2013).

Na adolescência, a sexualidade é demarcada por curiosidades, descobertas e experimentações, assim como pela capacitação para a tomada de decisões, de escolhas, de responsabilidades e de afirmação de identidades (Altmann; Mariano; Uchoga, 2012).

Ainda que a sexualidade humana seja uma construção social que envolve uma articulação entre atitudes mentais e corporais, para os adolescentes, a relação sexual pode não pressupor um vínculo afetivo imprescindível, mas a afirmação da virilidade e status perante os outros, principalmente entre seus pares. Tais comportamentos de afirmação expõem essa população a uma série de riscos (Brasil, 2008; Oliveira, 2011; Wiese; Saldanha, 2011).

Entre as possíveis consequências de comportamentos de risco, destacam-se a gravidez não planejada e o risco de acometimento pelas Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST`s)/Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Ainda que os jovens brasileiros possuam conhecimentos acerca dos modos de transmissão de IST`s/HIV, quando comparados com outras faixas etárias, a literatura evidencia práticas de risco associadas à transmissão de patógenos relacionados às IST`s, como o uso não contínuo do preservativo (Fontanella; Gomes, 2012; Tronco; Dell’aglio, 2012; Taquette, 2013).

Para Cunha, Rebello e Gomes (2012) e Pinheiro, Couto e Silva (2012), características valorizadas no modelo hegemônico de masculinidade, como a virilidade, a força e a percepção de invulnerabilidade, associadas à identificação do cuidado como atribuição do universo feminino, têm se constituído como algumas das barreiras entre os homens e as práticas preventivas de doenças e promotoras de saúde.

Assim, compreende-se que o conhecimento por si só não é responsável pela mudança de atitude e adoção de comportamentos saudáveis, uma vez que diversos fatores como pressão de grupos, crenças, valores sociais e individuais interferem na tomada de decisão (Trajano; Quirino; Gonçalves, 2012). Entender a adolescência e suas transformações como um período que pode ter diferentes significações é importante para o planejamento e sistematização de ações para os profissionais de saúde, a fim de alcançar a integralidade do atendimento. Quanto aos adolescentes homens, essas ações tornam-se imprescindíveis, tendo

em vista que geralmente os homens não frequentam os serviços de saúde. Portanto, torna-se necessário relacionar as experiências dos adolescentes para contextualizar ações pertinentes ao seu universo, promovendo formas específicas de cuidar em saúde para essa população (Brasil, 2010).

Considerando esse contexto, aponta-se a necessidade de ações qualificadas e específicas para atender à demanda dos homens adolescentes. Essas ações devem considerar a problematização das concepções sobre as masculinidades e dos estereótipos de gênero. Sampaio e Garcia (2010), afirmam que “o momento contemporâneo pode ser benéfico para os homens por permitir-lhe uma reinvenção mais livre dos estereótipos de gênero aprisionadores por tanto tempo propagados pelas sociedades ocidentais” (p. 98).

A partir da relevância do tema em questão, este trabalho se propôs a compreender e discutir as construções sobre as masculinidades no discurso de adolescentes participantes de um projeto de promoção de saúde sexual e reprodutiva.

Percurso metodológico

Estudo exploratório com abordagem qualitativa, integrante do projeto de pesquisa “Análise da utilização de recursos lúdicos na promoção de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes”. A pesquisa articulou-se com um projeto de extensão de promoção de saúde sexual e reprodutiva com adolescentes que contemplou temas relacionados aos corpos masculino e feminino, relações de gênero e de sexualidade, IST's, gravidez na adolescência e sexualidade segura, além de outros assuntos sugeridos pelos adolescentes. As discussões foram mediadas pela utilização de jogos educativos desenvolvidos e adaptados pela equipe (docentes e acadêmicos) responsáveis pela condução do projeto. As temáticas de cada encontro foram subsidiadas por materiais educativos do Ministério da Saúde e Ministério da Educação, assim como com base na experiência de estudo anteriormente realizado (Bechara et al., 2013).

As ações foram realizadas semanalmente em uma escola pública do ensino fundamental,

coordenadas por docentes e acadêmicos do curso de Terapia Ocupacional, em grupos com 10/12 participantes, no período de agosto a outubro de 2012.

Neste artigo, foram incluídos os dados referentes aos adolescentes homens matriculados no 8º ou 9º ano do ensino fundamental, que participaram da proposta de intervenção e que obtiveram autorização de seus responsáveis legais. Foram excluídos da pesquisa os jovens com frequência inferior a 75% dos encontros.

Os dados foram coletados por meio de gravação de áudio em equipamento digital durante as intervenções e pela técnica da observação participante, com a utilização de registro em diário de campo pelos pesquisadores.

As gravações foram transcritas, e, junto com as anotações em diário de campo, foram submetidas a uma adaptação da técnica de Análise de Conteúdo Temática para pesquisas qualitativas proposta por Gomes (2007).

Inicialmente, os trechos que se relacionavam ao objetivo deste artigo foram identificados e selecionados no conjunto dos dados. Em seguida, a partir de um processo de categorização contínuo, foram identificadas as ideias centrais, posteriormente agrupadas em núcleos de sentido e, por conseguinte, em categorias temáticas. Após a análise, esses dados foram articulados com a revisão da literatura e os objetivos do estudo, resultando em uma síntese interpretativa expressa nas categorias temáticas: “Percepções sobre o corpo masculino”; “Gênero e masculinidades” e “Paternidade e masculinidades”.

Os dados foram coletados após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UFPE (parecer nº 514.709) e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos adolescentes e seus responsáveis legais. Para garantir o anonimato, os participantes foram identificadas pela letra P seguida de um número de identificação.

Resultados e discussão

Participaram do estudo 24 adolescentes, com idades entre 13 e 17 anos, e média de 14 anos e 6 meses.

Na categoria “Percepções sobre o corpo masculino”, foram alocados os conteúdos sobre como os

jovens compreendem as relações entre as transformações corporais na adolescência e o tornar-se homem adulto e as observações referentes às suas reações quando o corpo masculino foi colocado em discussão durante as intervenções.

Para os adolescentes, o tornar-se homem estava relacionado à concretude e à visibilidade das transformações do corpo infantil em corpo “de homem”. Dessa forma, mais do que o crescimento da estatura, o engrossamento da voz ou o aumento da força, outras estruturas corpóreas que surgem durante a puberdade, como os pelos pubianos, assumem lugar de destaque no discurso dos participantes da pesquisa como indicativos do processo de transformação característico dessa fase.

Quando eu vi [o surgimento dos pelos pubianos] fiquei tão feliz [...] porque eu virei homem (P1).

As alterações físicas decorrentes da puberdade, ainda que ocorram de modo semelhante em todos os indivíduos, ao envolver transformações orgânicas que tendem à maturação biológica com dimorfismo sexual e capacidade reprodutiva, podem ter diversos significados (Schoen-Ferreira; Aznar-Farias; Silveira, 2010; Brêtas et al., 2011).

Neste estudo, os adolescentes caracterizaram as transformações corporais de forma positiva, simbolizando-as como ritos de passagem para a vida adulta. No entanto, é importante considerar que as mudanças corporais podem produzir repercussões positivas ou negativas na autoimagem do adolescente (Valença; Germano, 2009). Estudo realizado com adolescentes apontou que as mudanças físicas, provenientes do desenvolvimento do corpo, ocasionaram para alguns sujeitos o sentimento de insatisfação. Essas novas formas, funções e comportamentos implicam curiosidade entre os sujeitos, dentro e fora do contexto familiar, que produzem comentários que nem sempre satisfazem aos adolescentes. Esse sentimento de constrangimento, oriundo das repercussões das transformações corporais, pode ocasionar o retraimento dos adolescentes e a ruptura de relações nos ambientes que lhes cercam, como a família e a escola (Brêtas et al., 2008).

Durante o processo da pesquisa, quando se colocou o corpo masculino e suas transformações na adolescência em discussão (com utilização de um jogo de quebra cabeças como mediador), os participantes apresentaram uma resistência inicial em falar sobre o tema com seus pares, explicitando que tinham conhecimento suficiente sobre o próprio corpo para o exercício da sexualidade de maneira apropriada.

O objeto dessa intervenção foi apresentado pela coordenadora do grupo – o conhecimento do corpo masculino e suas transformações na puberdade. Entretanto, os participantes relutaram em olhar as imagens e tocar nas peças do jogo (Diário de Campo, 20/08/2012).

Com o decorrer das ações educativas, ainda que envergonhados por expor ou demonstrar desconhecimento em relação a alguns dos assuntos abordados, como por exemplo, se há um tamanho padrão para o pênis ou se as características do esperma podem ser diferentes entre os próprios adolescentes e suas práticas sexuais, eles foram aos poucos promovendo a discussão desse assunto.

É o corpo da gente [...] todo mundo num tem aqui, pra quê ficar guardando segredo? (P3).

A dificuldade e a resistência dos adolescentes em falar sobre o próprio corpo pode se relacionar às concepções sobre as masculinidades e às relações dessas com o cuidado em saúde. Os adolescentes do estudo demonstraram dificuldades em abordar aspectos do próprio corpo, ao tempo que se julgavam conhecedores das informações necessárias sobre a utilização sexual do corpo, características que podem minimizar as possibilidades desse grupo de participar mais precocemente das ações de saúde. Percebe-se que os homens preferiam retardar ao máximo a busca por assistência à saúde ou buscá-la nos serviços de atenção especializada, referindo à prevenção ou à promoção da saúde como práticas imprescindíveis apenas para as mulheres. Isso corrobora com as concepções tradicionais de gênero, de que as mulheres seriam mais frágeis e mais complexas em sua saúde e justifica a presença mais rara dos

homens na atenção primária (Schraiber et al., 2010).

Especificamente em relação aos adolescentes, além das barreiras culturais, as barreiras institucionais apresentam-se como impeditivos da busca de informações e ações em saúde (Baggio et al., 2009). A princípio, os adolescentes têm em seus familiares e amigos o referencial das informações sobre saúde, deixando de recorrer aos profissionais e equipamentos de saúde, que poderiam assegurar o desenvolvimento de vivências mais apropriadas (Baggio et al., 2009; Brêtas et al., 2011).

Assim, constata-se a relevância em compreender o sentido do cuidado atribuído pelos homens a fim de promover ações que contextualizem as necessidades dessa população e permitam incorporar a importância do autocuidado e suas implicações à saúde.

Na categoria “Gênero e masculinidades” foram reunidos os conteúdos sobre a compreensão dos adolescentes a respeito das relações de gênero e das construções sobre o universo feminino, sobre sexo, sexualidades e masculinidades.

Observou-se, durante as intervenções, que quando estimulados a explicitarem o que compreendiam quanto ao gênero, os adolescentes possuíam uma compreensão restrita do assunto com a classificação relacionada às diferenças dos atributos genitais, em masculino e feminino.

Eu sei que gênero tem masculino e feminino (P7).

Essa visão limitada em relação ao gênero está ligada à compreensão relacional desse conceito. Korin (2001) aponta que quando se reflete sobre gênero, deve-se abranger os significados culturais atribuídos a homens e mulheres diante das diferenças biológicas, sendo que esses significados muitas vezes balizam diferenças nas relações de poder estabelecidas socialmente.

Nessa perspectiva relacional, é possível compreender a sexualidade humana enquanto construção social, o que suscita a desnaturalização de condutas e práticas sociais e possibilita a problematização de como as relações organizam-se, sejam elas as que se estabelecem entre mulheres-homens, mulheres-mulheres ou homens-homens (Medrado; Lyra, 2008).

Considerando esse cenário, os adolescentes foram convidados a refletir sobre questões relacionadas ao universo feminino. Os participantes disseram que os papéis socialmente construídos, definições e expectativas para as mulheres têm se transformado com o passar dos anos, com o surgimento de novas atribuições para a população feminina. Para eles, o papel da mulher atualmente abarca, além das tarefas domésticas e o cuidado com a família, o exercício profissional.

Os tempos de hoje são diferentes. A mulher é trabalhadeira, mãe, pai e família (P9).

Contudo, ainda persistiu entre alguns adolescentes a percepção de que a mulher deveria ser submissa em suas relações interpessoais, no desempenho de suas funções de mãe ou esposa e em seu contexto profissional, por exemplo, mantendo-se em cargos de pouca representatividade ou não obtendo o mesmo reconhecimento que os homens em cargos iguais. A manutenção da valorização de padrões hegemônicos sobre as atividades pertinentes ao masculino e ao feminino manifestou-se não só na fala, mas também pela linguagem corporal. Em uma intervenção direcionada para a discussão das relações de gênero, foi proposto aos adolescentes, como estratégia de mediação, um jogo de mímicas no qual eles foram solicitados a imitar ações, pessoas ou objetos presentes no cotidiano dos homens e mulheres. Embora essas ações, pessoas ou objetos (por exemplo: mãe, pai, bola, boneca, carrinho etc.) não tenham sido relacionados pela coordenação do grupo especificamente a homens ou mulheres, durante o jogo, os adolescentes fizeram associações que remetem às representações mais comuns em nossa sociedade.

Assim, em situações nas quais deveriam efetuar mímicas sobre aspectos comumente associados ao universo feminino, como por exemplo, flor, boneca e mãe, os participantes demonstraram dificuldades na realização da tarefa, demonstrando posturas sexistas, incorporadas ao longo do seu desenvolvimento social.

Um homem de verdade nunca brinca com boneca (P7).

Além disso, os adolescentes referiram que, para se afirmarem como homens, fazem-se necessárias demonstrações de virilidade, com ênfase na relação sexual, ainda que sem a existência de desejo entre os parceiros para a realização do ato.

Até porque se ele rejeitasse a proposta dela [de ter relações sexuais no primeiro encontro, ele seria chamado] de frango, aí ele [...] ia queimar a fama dele (P7).

Por outro lado, quando analisaram o comportamento e as práticas sexuais das meninas, os participantes do estudo expressaram concepções que valorizam a inexperiência sexual enquanto atributo positivo para elas.

Um menino que fica com várias meninas é pegador, uma menina que fica com vários meninos é galinha (P9).

Interessante pontuar que, para os adolescentes, a virgindade estava limitada para a mulher, caracterizando-se pelo não rompimento do hímen, independente de experiências sexuais sem penetração ou de vivências da sexualidade.

A virgindade é o não rompimento do hímen (P11)

A análise das percepções sobre o universo feminino apontou que mesmo reconhecendo os avanços da mulher na esfera profissional, os participantes do estudo expressaram uma concepção hegemônica de submissão das mulheres em relação aos homens. Apesar das modificações históricas acerca das questões de gênero processadas na sociedade em relação ao papel da mulher nesse cenário, tais como o crescimento da inserção das mulheres no mercado de trabalho e sua participação nos processos sociopolíticos cotidianos, as concepções das diferenças entre os gêneros persistem com grande impacto. O acesso restrito à informação pode comprometer a formação dos adolescentes no efetivo exercício da cidadania, restringindo-os a reproduzir os valores e concepções tradicionais, nos quais as mulheres estão reduzidas à execução de trabalhos domésticos

e de cuidado, enquanto os homens desenvolvem atividades laborais mais “complexas”, fora do ambiente domiciliar (Barreto; Ribeiro; Oliveira, 2010; Figueiredo; Schraiber, 2011).

Foi encontrada no estudo uma valorização da atividade sexual para os meninos, em contraponto à inexperiência sexual para as meninas. O discurso dos participantes corrobora os achados na literatura ao evidenciar que para os homens a identidade masculina está vinculada a um padrão de comportamento sexual caracterizado por práticas sexuais com diversas parceiras simultaneamente, em relações fixas ou eventuais, e pela impulsividade dos desejos sexuais (Figueiredo; Schraiber, 2011; Rebello; Gomes, 2012; Separavich; Canesqui, 2013). Por outro lado, a concepção de virgindade indicada pelos adolescentes ratifica a forte valorização da virgindade feminina e a interdição social das relações sexuais antes do matrimônio. Essa constatação reforça as construções desiguais quanto ao comportamento e às vivências de sexualidade entre os sexos, como forma de definir e diferenciar os papéis masculinos e femininos na sociedade (Martins et al., 2012).

Ainda no contexto das discussões de gênero, os participantes refletiram sobre aspectos relacionados à orientação sexual e demonstraram dificuldade na aceitação de uma orientação sexual que não lhes fosse tradicionalmente compatível com os papéis masculinos, incluindo o de pai. Entre os vários motivos de frustração nas relações com futuros filhos, a orientação homoafetiva caracterizou-se como um ponto nevrálgico no discurso dos adolescentes.

A pessoa ter um filho e ele se tornar homossexual é algo abominável (P11).

Destaca-se que essa dificuldade de aceitação em relação à orientação homoafetiva tem intensidade diferente para os adolescentes quando se reflete sobre a sexualidade de homens e mulheres, uma vez que a homossexualidade feminina é considerada como mais aceita em contraposição à masculina.

Uma menina [homossexual] está tudo bem, mas um menino não. Porque um menino não vai ter

vergonha de andar com uma lésbica, mas com um gay o povo vai ficar falando (P12).

É relevante ressaltar que a visão dos adolescentes acerca da orientação sexual evidenciou conceitos arraigados de tabu quanto à homossexualidade. As concepções das masculinidade ou a formação do homem estão atreladas a um conjunto de valores, funções e condutas determinadas pela sociedade. A discussão sobre as vivências da sexualidade na adolescência permanece cercada de interdições e tabus, principalmente quando se fala da orientação sexual, a qual remete à direção do desejo do sujeito para com quem ele possa ter prazer, seja por uma pessoa do mesmo sexo, por uma do sexo diferente do seu ou pelos dois sexos (Brêtas et al., 2011; Heilborn, 2012).

As construções sociais explicitadas pelos adolescentes sobre a relação entre a masculinidade e a orientação sexual apontam para a heterossexualidade como uma marca identitária. Essa marca, componente do modelo hegemônico de masculinidade (discutido anteriormente), reflete a compreensão de que ser “homem” perpassa necessariamente pelo interesse sexual por uma mulher e pela afirmação de sua virilidade. Considerando esse aspecto, em situações nas quais o adolescente ou o homem não adota condutas heterossexuais, o sujeito pode se sentir inseguro e não ser reconhecido na sua condição de pertencimento ao universo masculino (Korin, 2001; Marques Junior; Gomes; Nascimento, 2012).

Assim como percebido neste estudo, Teixeira-Filho e Rondini (2012) destacam que o espaço escolar pode se configurar como um *lócus* de construção, consolidação e expressão de discursos e atitudes discriminatórias e homofóbicas, o que suscita o planejamento de ações intersetoriais destinadas ao enfrentamento de tais atitudes e discursos.

Essas ações nas escolas, inclusive quando efetivadas no âmbito do Programa Saúde na Escola, devem visar à promoção da equidade de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, para otimizar o enfrentamento ao sexismo e à homofobia, contribuindo para a emancipação dos sujeitos e grupos e para o respeito à diversidade sexual (Brasil, 2009; Schraiber et al., 2010; Barreto; Ribeiro; Oliveira, 2010; Teixeira-Filho; Rondini, 2012).

Na categoria “Paternidade e masculinidades” foram agrupadas as considerações dos adolescentes sobre a figura paterna ideal e sobre a parentalidade para homens e mulheres.

Inicialmente é importante considerar que a paternidade estabeleceu-se, no discurso dos adolescentes, como um dos principais atributos do ser homem, sendo construída a partir de diferentes concepções.

Quando solicitados a refletirem sobre como seria a figura paterna ideal, os adolescentes apontaram que o pai ideal era diferente daquele que tiveram a oportunidade de ter, revelando vivências atuais e pregressas nas quais foram identificadas diversas situações de vulnerabilização familiar e social em seus cotidianos.

Meu pai morreu cedo [...] por causa da bebida. Aí eu já não tinha um pai. Minha mãe teve que sair e trabalhar pra [nos] sustentar, minha irmã e eu, aí tipo, mesmo ela me dando amor, ela não pôde estar presente. Aí o que eu passei, eu não quero que meu filho passe, né? Eu quero ter a vida feita, ter meu filho e ensinar tudo o que eu queria [...] (P7).

Observou-se que, para alguns dos adolescentes, o exercício da paternidade abarcou uma série de responsabilidades e direitos, constituindo práticas de cuidado, afetividade e educação contínuas.

Assumir um filho é compartilhar. Da mesma forma que a mulher troca a fralda dele, a gente também tem que trocar. Lavar prato, dar a comida [...] não deixar para ela fazer tudo sozinha (P14).

Porém, para outros adolescentes, todas as responsabilidades para crescimento e desenvolvimento da criança são de obrigação materna, cabendo ao pai prioritariamente o provimento financeiro: “Quando questionados sobre como um pai assume seu filho, eles responderam enfaticamente: com aspectos financeiros” (Diário de Campo, 12/09/2012).

Corroborando a percepção do pai como mantenedor econômico, observou-se no discurso dos adolescentes que o momento em que eles se encontravam, de investimento educacional, passava a ser um motivo pelo qual não seria prudente vivenciar a paternidade.

Acho que o negócio é não ser pai agora não, mas assim, na faixa de uns vinte e cinco anos, depois que eu tivesse com a vida feita. Com minha mulher, minha casa, meu carro [...] e tinha um filho [...] ou um time de futebol (P3).

As diferenças relacionadas a gênero também apareceram em seus discursos, quando os adolescentes refletiram sobre o impacto da parentalidade para homens e mulheres. De uma forma geral, os adolescentes compreenderam que ter um filho na adolescência teria consequências maiores para as mulheres, uma vez que elas vivenciam a maternidade de forma distinta desde a descoberta da gestação, com as alterações físicas decorrentes do processo gestacional e os cuidados implícitos à mulher, como a amamentação e os cuidados ao recém-nascido. Por outro lado, os homens, ao vivenciarem a paternidade, conforme explicitado anteriormente, deveriam manter financeiramente o filho, porém com um impacto menor em outras dimensões da vida quando comparado às mulheres.

Acaba a liberdade, pra menina é mais difícil, porque o marido, assim, vai trabalhar e ele ainda vai ter tempo de se divertir, e ela não (P3).

Sobre a parentalidade, os participantes do estudo expressaram duas concepções, uma em que a paternidade envolvia afetividade e cuidado contínuo, e outra cuja visão restringia-se à responsabilidade financeira com o filho. Assim, compreende-se que a ideia da paternidade abarca diferentes sentidos nas diversas sociedades e culturas e passa por importantes mudanças ao longo dos tempos. Pode-se afirmar que o aprendizado a respeito do que é ser pai vai além da família e das relações de parentesco, incluindo os múltiplos contextos em que há interação, e que as ações, valores e sentimentos presentes nesses espaços são sempre mediados por questões culturais. Assim, o lar e a maternidade, assim como as tarefas domésticas e o cuidado infantil, apesar de não pertencerem às esferas masculinas, poderiam tornar-se campos possíveis para o exercício da paternidade. Contudo, apesar da mudança no cenário doméstico, observa-se que o modelo de família

sustentado por uma visão mais igualitária quanto à divisão do trabalho ainda é bastante restrito, de maneira que a maioria das famílias permanece organizando-se em bases tradicionais (Brasil, 2009).

O relato dos adolescentes corrobora o discurso de que existem papéis definidos em relação à família. À mulher cabe a função de responsável, que trabalha e que renuncia a si própria e aos seus direitos para cuidar da família. Ao homem pode ser incumbido ora o papel de responsável pela sua família, cuidando da mulher e assumindo o filho nos aspectos emocionais e financeiros, a fim de garantir seu pleno desenvolvimento, ora como sujeito sem vínculos em relação à sua família, abandonando-a ou não ajudando financeiramente (Silva et al., 2012). Dessa forma, a ausência do pai pode ser simbolizada pelo não envolvimento na atenção e nos cuidados necessários ao desenvolvimento do filho, mostrando-se ausente do ponto de vista afetivo, mantendo uma distância emocional ou afetiva, ainda que este pai seja o provedor e ofereça suporte emocional à mãe e exerça um modelo de poder e autoridade perante os filhos (Brasil, 2009).

Portanto, é necessário superar, na vida cotidiana, a restrição da responsabilidade sobre as práticas contraceptivas às mulheres, assegurando aos homens efetivação do direito à participação no planejamento reprodutivo, reconhecido pelas políticas públicas (Brasil, 2008). Essa participação tem como pressuposto o exercício e o reconhecimento da paternidade enquanto um direito do homem de participar de todo o processo, desde a decisão de ter ou não filhos até a educação da criança. Esse direito abrange os adolescentes e jovens masculinos em relação aos quais deve ser resguardada a autonomia e a assistência diante de suas necessidades e projetos de vida. Além disso, ações de promoção de saúde sexual e reprodutiva devem ser realizadas a fim de facilitar e assegurar as condições da vivência de uma paternidade consciente (Brasil, 2008).

A partir do exposto, pode-se entender que o exercício da paternidade está relacionado às percepções das masculinidades, no que se referem aos papéis e responsabilidades atribuídos ao homem enquanto pai. As diversas formas de exercer a paternidade implicam diferentes impactos sobre as masculini-

dades, tornando-se relevante a observação e o estudo das construções e implicações das relações entre a paternidade e a masculinidade para os profissionais de saúde.

Considerações finais

A construção das masculinidades na adolescência abarca uma série de espaços simbólicos que mediam a formação identitária do homem sob moldes, atribuições e funções cultural e socialmente definidas. Considerando esse aspecto, o desenvolvimento de estudos direcionados ao modo como as compreensões relacionadas às masculinidades são estabelecidas e valorizadas e como podem impactar a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes deve abranger os processos vivenciados por essa população dentro dos espaços de promoção de saúde.

A análise dos resultados permite inferir que a construção das masculinidades está diretamente relacionada à percepção da feminilidade, uma vez que os sujeitos compreenderam-se como homens a partir da contraposição com a figura da mulher. Para os participantes do estudo, as masculinidades foram construídas pela forma como eles perceberam o corpo, da interação com as mulheres e com o universo feminino e da representação e constituição dos modelos de paternidade. Entretanto, é necessário problematizar as diferenças entre os sexos, observadas no discurso dos adolescentes, a fim de não reproduzir questões de desigualdade nas relações de gênero.

As percepções dos adolescentes sobre o corpo masculino apontaram que os adolescentes necessitavam de aspectos concretos e visíveis para assimilar a transformação do corpo. Além disso, observou-se a dificuldade e a resistência inicial dos participantes em discutirem sobre o próprio corpo, o que pode ser uma reprodução das concepções de que o cuidado com o homem é limitado diante dos estereótipos de gênero.

Os dados sobre gênero e masculinidades apontaram a limitação dos adolescentes na compreensão das relações de gênero. Indicou-se que os papéis femininos e masculinos estão em contínua transformação e não são vivenciados de maneira uniforme

mesmo em condições sociais semelhantes. Pode-se observar que as construções culturais permeiam a compreensão da sexualidade e que há uma forma divergente de experiências para homens e mulheres.

As concepções de paternidade têm se transformado com base no processo de vulnerabilidade social dessa população, e os profissionais e equipamentos de saúde precisam corresponder a essa demanda, a fim de propiciar o exercício adequado para os diferentes modelos de paternidade.

Este estudo teve como principal limitação a análise das masculinidades, restrita aos conteúdos pertinentes à saúde sexual e reprodutiva e com pouco aprofundamento na compreensão dos contextos sociais, culturais e econômicos dos participantes. Diante disso, sugere-se a realização de estudos direcionados ao debate sobre a percepção das masculinidades com adolescentes, inserindo-se, na análise, os contextos que envolvem essa população, tais como a família, a escola e a comunidade.

As diferentes construções acerca das masculinidades, com a coexistência de concepções tradicionais e contemporâneas no modelo de ser homem, estão relacionadas às experiências de vida dos adolescentes e podem ter implicações significativas no modo de vivenciar a saúde sexual e reprodutiva, sendo relevante a discussão, compreensão e atuação dos profissionais de saúde em ações de promoção e educação em saúde.

Referências

- ALTMANN, H.; MARIANO, M.; UCHOGA, L. A. R. Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na educação infantil. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 272-550, 2012.
- BAGGIO, M. A. et al. O significado atribuído ao papel masculino e feminino por adolescentes de periferia. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 872-878, 2009.
- BARRETO, T. A.; RIBEIRO, C. V.; OLIVEIRA, M. A. S. Educação e saúde: problematizando gênero e sexualidade em uma escola municipal de Juazeiro - BA. *Revista de Educação do Vale do São Francisco*, Petrolina, v. 1, n. 1, p. 50-57, 2010.

- BECHARA, A. M. D. et al. Na brincadeira a gente foi aprendendo: promoção de saúde sexual e reprodutiva com homens adolescentes. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 25-33, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Política nacional de atenção integral à saúde do homem: princípios e diretrizes*. Brasília, DF, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília, DF, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde*. Brasília, DF, 2010.
- BRÊTAS, J. R. S. et al. Os rituais de passagem segundo adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 404-411, 2008.
- BRÊTAS, J. R. S. et al. Aspectos da sexualidade na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3221-3228, 2011.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.
- CUNHA, R. B.; REBELLO, L. E. F. S.; GOMES, R. Como nossos pais? Gerações, sexualidade masculina e autocuidado. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1419-1437, 2012.
- EMERICH, D. R. et al. Diferenças quanto ao gênero entre escolares brasileiros avaliados pelo inventário de comportamentos para crianças e adolescentes (CBCL/6-18). *Psico*, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 380-387, 2012.
- FIGUEIREDO, W. S.; SCHRAIBER, L. B. Concepções de gênero de homens usuários e profissionais de saúde de serviços de atenção primária e os possíveis impactos na saúde da população masculina, São Paulo, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 935-944, out. 2011. Suplemento 1.
- FONTANELLA, B. J. B.; GOMES, R. Prevenção da AIDS no período de iniciação sexual: aspectos da dimensão simbólica das condutas de homens jovens. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p. 3311-3322, 2012.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.
- GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 79-108.
- GOMES R. *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- GOMES R. *A saúde do homem em foco*. São Paulo: UNESP, 2010.
- GONTIJO, D. T.; MEDEIROS, M. Adolescência, gênero e processo de vulnerabilidade/desfiliação social: compreendendo as relações de gênero para adolescentes em situação de rua. *Revista Baiana de Saúde Pública*, Salvador, v. 33, n. 4, p. 605-617, 2009.
- HEILBORN, M. L. Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 57-68, 2012.
- KORIN, D. Nuevas perspectivas de género en salud. *Revista Adolescencia Latinoamericana*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 67-79, 2001.
- MARQUES JUNIOR, J. S.; GOMES, R.; NASCIMENTO, E. F. Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 511-520, 2012.
- MARTINS, C. B. G. et al. Sexualidade na adolescência: mitos e tabus. *Ciencia y enfermería*, Concepcion, v. 18, n. 3, p. 25-37, 2012.
- MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008.
- OLIVEIRA, Q. B. M. Dialogando sobre algumas questões de gênero e prevenção à violência e promoção da saúde na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 10, p. 3985-3991, 2011.

- PINHEIRO, T. F.; COUTO, M. T.; SILVA, G. S. N. Homens e cuidado: construções de masculinidade na saúde pública brasileira. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, Montevideu, v. 2, n. 2, p. 177-195, 2012.
- REBELLO, L. E. F. S.; GOMES, R. Qual é a sua Atitude? Narrativas de homens jovens universitários sobre os cuidados preventivos com a AIDS. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 916-927, 2012.
- SAMPAIO, R. S.; GARCIA, C. A. Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 81-102, 2010.
- SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, DF, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010.
- SCHRAIBER, L. B. et al. Necessidades de saúde e masculinidades: atenção primária no cuidado aos homens. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 5, p. 961-970, 2010.
- SEPARAVICH, M. A.; CANESQUI, A. M. Saúde do homem e masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: uma revisão bibliográfica. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 415-428, 2013.
- SILVA, E. L. C. et al. Paternidade em tempos de mudança: uma breve revisão da literatura. *Revista de Pesquisa em Saúde*, São Luís, v. 13, n. 2, p. 54-59, 2012.
- TAQUETTE, S. R. Epidemia de HIV/Aids em adolescentes no Brasil e na França: semelhanças e diferenças. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 618-628, 2013.
- TEIXEIRA FILHO, F. S.; RONDINI, C. A. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 651-667, 2012.
- TRAJANO, M. F. C.; QUIRINO, G. S.; GONÇALVES, G. A. A. Consequências da maternidade na adolescência. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v. 17, n. 3, p. 430-436, 2012.
- TRONCO, C. B.; DELL'AGLIO, D. D. Caracterização do comportamento sexual de adolescentes: iniciação sexual e gênero. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 254-269, 2012.
- VALENÇA, C. N.; GERMANO, R. M. Percepção da auto-imagem e satisfação corporal em adolescentes: perspectiva do cuidado integral na enfermagem. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, Fortaleza, v. 10, n. 4, p. 173-180, 2009.
- WIESE, I. R. B.; SALDANHA, A. A. W. Vulnerabilidade dos adolescentes às DST/AIDS: ainda uma questão de gênero? *Psicologia, Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 12, n. 1, p. 105-118, 2011.

Contribuição dos autores

Vasconcelos e Facundes contribuíram com a concepção, delineamento, análise e interpretação dos dados. Vasconcelos contribuiu com a redação do artigo. Monteiro contribuiu com o delineamento e análise. Gontijo orientou e contribuiu com a concepção, delineamento, análise e interrupção dos dados. Monteiro, Fagundes, Trajano e Gontijo contribuíram com a revisão crítica.

Recebido: 02/02/2015

Reapresentado: 17/06/2015

Aprovado: 14/08/2015